

O SUJEITO DA INCOMPLETUDE E O DIÁLOGO ENTRE DISCURSOS: A HETEROGENEIDADE E O ATRAVESSAMENTO DE VOZES NA CANÇÃO “UM FADO” DE IVAN LINS

Alexander Severo Córdoba¹

Éderson Luís Silveira²

RESUMO: Este artigo tem o intuito de refletir sobre o conceito de heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso fundamentando-se teoricamente em Authier-Revuz, que articula abordagens do dialogismo bakhtiniano e da psicanálise freudo-lacanianana, a fim de analisar a canção “*Um fado*” de autoria do compositor e cantor Ivan Lins cuja canção pertence a seu trabalho discográfico intitulado “*Todos somos iguais esta noite*” (1977). A análise permitiu apreender na estrutura material da língua a escuta de ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso atestando a existência da heterogeneidade constitutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Heterogeneidade; Discurso; Dialogismo.

THE SUBJECT OF INCOMPLETENESS AND DIALOGUE BETWEEN DISCOURSES: THE HETEROGENEITY AND THE CROSSING OF VOICES IN THE SONG “A FATE” OF IVAN LINS

ABSTRACT: This paper is intended to reflect on the concept of constituent heterogeneity of the subject and discourse based theoretically in Authier-Revuz, which articulates the Dialogic approaches bakhtiniano and Freud and Lacanian psychoanalysis, in order to analyze the song a “fado” written by the composer and singer Ivan Lins whose song belong to his work album “We're all like tonight” (1977). The analysis allowed to seize the material structure of language listening for

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. E-mail: severo.cordoba@gmail.com

² Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: ediliteratus@gmail.com

unintended resonance that break the alleged homogeneity of the discourse attesting to the existence of constituent heterogeneity.

KEYWORDS: Heterogeneity; Discourse; Dialogic.

1. ANCORAGENS TEÓRICAS

Authier-Revuz, a partir de uma série de conferencias proferidas entre novembro de 1980 e janeiro de 1982³, publica um artigo relacionando duas maneiras de lidar com a alteridade no discurso: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. Sobre a primeira, são as linguisticamente descritíveis relacionadas ao discurso direto, indireto, aspas, glosas, etc; que questionam a existência de uma suposta homogeneidade do discurso introduzindo o outro no discurso. Em relação à segunda, a autora afirma que esta possui a característica da não marcação em superfície, sendo um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem. No Brasil, o texto foi publicado em 1990 no periódico Caderno de Estudos Linguísticos da Unicamp sob o título *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. A tradução é de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Neste texto, a autora baseia-se em pressupostos bakhtinianos para tratar do que ela intitula uma heterogeneidade do sujeito e do discurso.

O "dialogismo" do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem preocupação com o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da **dialogização interna do discurso**. As palavras são sempre e inevitavelmente as "palavras dos outros" (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26, grifo da autora).

Pretende-se focar, neste artigo, no pressuposto teórico voltado à heterogeneidade constitutiva do sujeito e do discurso. Assim, entende-se como heterogeneidade constitutiva a presença de um outro que está nos constituindo e, ao mesmo tempo, constituindo a linguagem clivado pelo inconsciente (AUTHIER-REVUZ, 2004). Para isso, Authier-Revuz procura uma ancoragem exterior à linguística apoiando-se, portanto, em duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade da palavra e do sujeito: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise freudo-laciana. Em relação aos trabalhos de Bakhtin interessam as reflexões sobre o princípio básico do dialogismo enfocando no lugar que o outro possui no discurso enquanto que, em relação à psicanálise, o interesse está em abordar um sujeito que é produzido pela linguagem, clivado pelo inconsciente.

Sem se perder ou se diluir, mantendo-se em seu terreno, parece-me que a linguística deve levar em conta, efetivamente, esses pontos de vista exteriores e os deslocamentos que eles operam no seu próprio campo (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 1000).

³ O artigo mencionado foi publicado pela revista *Langages* n. 73 em 1984 e a tradução para o português, que consta na listagem de referências ao final do presente trabalho, data de 1990.

Além disso, é importante destacar, desde já, que ambas as exterioridades abordadas por Authier-Revuz, oriundas de concepções diferentes, questionam profundamente a imagem de um locutor que por meio da língua se manifeste conscientemente, sendo aquela, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação utilizado pelo locutor. Então, os dois pontos de vista: o dialogismo e a psicanálise permitem a interfase de uma teoria da heterogeneidade linguística à outra do descentramento do sujeito (TEIXEIRA, 1998).

Na literatura percebe-se uma série de trabalhos lidando com a importância das reflexões de Bakhtin sobre a presença do outro na enunciação discursiva tornando-se cada vez mais destacável, dentro da linguística, o estudo relacionado às interações e relações entre textos, discursos e ideologias (BARRETO, 2004; TEIXEIRA, 1998; 2000). Entende-se por dialogismo como uma ciência das relações e a sistematização do conhecimento em que a linguagem possui um princípio constitutivo próprio e condicional ao sentido do discurso. Assim, o conceito de linguagem toma uma nova definição: ela é uma criação coletiva, produção social e historicamente localizada (BARRETO, 2004).

Em relação ao signo linguístico este possui um caráter ideológico, conseqüentemente está enraizado nele, um caráter histórico e uma interação verbal com os demais dentro de uma cadeia dialógica (BARRETO, 2004). Bakhtin (2011) considera a língua viva, concreta, dialógica, o que significa que as palavras são sempre perpassadas pelas palavras de um outro. Neste contexto, cada enunciado está atravessado por enunciados outros revelando o discurso do outro em sua constituição. Trata-se não de uma troca entre palavras de um interlocutor para um receptor, mas de uma dialogização interna do discurso possibilitando que seus estudos adentrem o campo dos estudos do texto e do discurso. Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2002), observa-se a diferença entre as concepções de língua dada por Bakhtin/Volochinov e aquelas resultantes do corte saussuriano a partir do *Curso de Linguística Geral*⁴ para a Linguística:

Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não

⁴ Vale destacar que a descoberta de novos manuscritos do linguista e a publicação de *Écrits de Linguistique Générale* trouxe à tona outro Saussure, diferente daquele que muitos estudiosos reconheciam até então como aquele que assentou a Linguística contemporânea no estruturalismo a partir da exclusão da fala e do corte epistemológico que teria excluído o sujeito e a história dos estudos da linguagem. Não se trata do foco deste trabalho, mas para mais informações acerca da temática podem ser consultados Arrivé (2007), Bouquet (2009), Piovezani (2008), Puech (2004; 2005) e Starobinski (1974).

individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (LAHUD & VIEIRA, 1999, p.14).

É importante salientar que o sujeito não têm, sob este viés, controle dos enunciados que profere, pois há um atravessamento de diferentes vozes sociais que o compõem produzindo, por meio do deslocamento do seu inconsciente, dois tipos de interação concomitantemente: 1) entre os interlocutores, o enunciadador e o receptor e 2) entre os sujeitos e a sociedade (BARRETO, 2004). Portanto, os seres humanos são influenciados (direta ou indiretamente) por alguma coisa que já aprenderam antes e, na maioria das vezes, não percebem que certas ideias chegam a suas mentes sem saber onde e como elas surgem. Por outro lado, há outro polo da exterioridade abordada por Authier-Revuz relacionado à psicanálise freudo-lacanianana.

Segundo Freud (2014), quando um ser humano nasce, não existe nele uma unidade comparável ao Eu, e sim, o que há é um tipo de caos resultante de um corpo ainda fragmentado e descontínuo. Então, o ser humano pode somente apreender essa unidade por meio de um esquema mental gradativamente. Por sua vez, Lacan afirma que esse esquema mental tratado por Freud não é um dado natural, mas antecipado pelo bebê por um "Outro". Nesta perspectiva esse Outro (escrito com maiúscula) possui um significado diferente, ele está relacionado com a linguagem e os significantes que dela se produz (TEIXEIRA, 1998). E, também, é anterior ao sujeito porque o determina, permitindo-lhe estabelecer diferenças entre aquilo que aparenta ou imagina ser, como por exemplo, as diferenças entre os sexos. Então, a mãe é a pessoa quem ocupa esse lugar do Outro pela criança.

Por meio da releitura de Freud feita por Lacan (1978) é possível compreender a constituição do inconsciente como lugar do Outro assim como as relações do inconsciente com a linguagem. Assim, a psicanálise freudo-lacanianana é caracterizada por Authier-Revuz (1998) pela dupla concepção que apresenta de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido. Desse modo, é de suma importância destacar aqui a finalidade do trabalho psicanalítico que auxilia no ressurgimento de conflitos esquecidos, demandas recalcadas que agem sem que o sujeito tome conhecimento na sua vida (AUTHIER-REVUZ, 2004). Neste contexto, a palavra "divisão" emerge para caracterizar tanto o fato de ser o sujeito clivado, cindido entre consciente e inconsciente como para ressaltar a multiplicidade de personagens que o sujeito põe em cena, atravessamento do outro a partir das rupturas enunciativas que revelam as não-coincidências do dizer.

Assim, as palavras de Lacan produzem reverberações em Authier-Revuz (2004, p. 50) quando ela retoma as palavras do psicanalista francês em sua obra:

O inconsciente é esta parte do discurso concreto enquanto transindividual, que não está à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente [...]. O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um vazio ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado.

Com base na citação acima, Authier-Revuz pretende mostrar, naquele artigo em que ela cita Lacan, que não há um discurso próprio ao inconsciente, pois a veracidade do discurso do inconsciente se faz na materialidade da língua, então, é nesse caminho que a interpretação analítica tem destaque (TEIXEIRA, 1998). Assim, o que tem relevância para um analista é observar o trabalho de escuta sobre a materialidade da língua. Esta reflexão sobre “um inconsciente-linguagem” é baseada em uma teoria formulada por Lacan em um período pós-saussuriano (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Dessa forma, a heterogeneidade enquanto viés teórico reconhece como inevitável a intervenção de um exterior constituinte da linguagem, que diz respeito às relações entre sujeito e a linguagem. O fechamento da exterioridade se dá quando há suposição de pretenciosa autonomia e completude no campo da linguística. Assim, tem-se o reconhecimento do exterior ao mesmo tempo em que se reconhece que a língua tem uma ordem que lhe é própria e isso não inviabiliza o que é da ordem do discurso, o atravessamento de discursos e a heterogeneidade fundante das práticas languageiras.

Ivan Lins – *Todos somos iguais esta noite* (1977)

Ivan Lins é considerado um dos compositores e músicos mais completos da Música Popular Brasileira (MPB). Durante seus 30 anos de carreira, Ivan Lins possui diversos prêmios nacionais e internacionais, tais como, diversos Grammys (2007-2009), inúmeras gravações de sua obra pelo mundo, e, também, por sua harmonia diferenciada e arranjos rebuscados.

Sendo um dos artistas brasileiros vivo mais gravado no exterior, o compositor começou a tocar piano aos dezoito anos e foi muito influenciado pela música que ouviu em sua infância nos Estados Unidos: o Jazz e a Bossa Nova.

Destaca-se a influência da realidade política dos anos 70 na sua carreira e sua postura extremamente ética e idealista a partir desse momento. Nessa época lança quatro álbuns marcantes e complementares entre si: *Somos Todos Iguais Esta Noite*, *Nos Dias de Hoje*, *A Noite* e *Novo Tempo*.

Teve inúmeros sucessos como cantor e como compositor como é o caso de *Abre Alas, Somos Todos Iguais Essa Noite, Começar de Novo*. A canção *Começar de Novo* reflete bem a postura artística da dupla de compositores e amigos Ivan Lins e Vitor Martins, música e melodia muito bem elaboradas. Esta canção traz em sua letra original um lindo poema que pode ser entendido como um recomeço amoroso e pessoal de alguém que passou por muitos desagradados numa relação. A letra, que não traz definição de gênero, ou seja, não aborda as questões de gênero: tanto o masculino como o feminino, na verdade era uma profunda e criativa crítica à ditadura militar, mas elaborada de maneira que a ambiguidade não prejudica nem a crítica política e nem o sentido amoroso da canção, além de ter conseguido driblar a terrível censura que sofriam os artistas da época.

Dentro dessa perspectiva, pretende-se categorizar as canções de Ivan Lins de cunho político-social dentro do conceito de engajamento que pode ser substituído pelos termos “canção engajada”, “música participante” e “canção de protesto”. Cujos termos têm sido amplamente utilizados para explicar a Música Popular Brasileira produzida a partir da década de 1960-70 (LOPES, 2008). No final da década de 60, a sigla MPB ganha contornos de um gênero ou estilo musical, delimitando um tipo de música popular brasileira, que passa a ser identificada a uma produção musical de contestação social.

Enquanto que sobre os anos 70, Lopes (2008) caracteriza a MPB como um complexo cultural que incorpora diversas tendências musicais, e ainda a autora cita Napolitano (2001) em que este classifica a nossa música popular como um sinônimo de resistência cultural ao regime militar. Sobre o regime militar no Brasil pode ser destacado que o fim da década de 60 foi caracterizado por ter sido o período mais conturbado e violento durante o regime militar instaurado desde 1964. A vigência do AI-5 (Ato Institucional nº5) entre os anos 1967-69 outorgou poderes ilimitados ao governo do General Médici, tais como: o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado, estender a censura prévia à imprensa e aos meios de comunicação, entre outros (HABERT, 2001). Consequentemente, a censura estava institucionalizada no país, as torturas aumentavam consideravelmente e o povo sentia-se literalmente sufocado devido à repressão e o clima de terror imposto pelo governo militar em nome da “Segurança Nacional” e do “combate à subversão comunista”.

Pode-se observar, então, que em boa parte da discussão acadêmica em relação a trabalhos envolvendo a MPB produzida entre as décadas de 1960-70 e seu contexto social, tem-se privilegiado o aspecto político – a repressão e a censura – e o posicionamento dos artistas contra a ditadura

militar, o que, certamente, pode ser evidenciado em muitas letras de canções do período, como, por exemplo, as de autoria de Ivan Lins.

Análise da canção *Um fado*

Na literatura observam-se estudos da heterogeneidade constitutiva discursiva através da análise de diversas tipologias textuais como, por exemplo, em canções do cantor e compositor Chico Buarque (TEIXEIRA, 1998), e em propagandas do tipo *Outdoors* (Barreto, 2004). Nesses estudos torna-se preponderante a identificação do/no discurso do sujeito um outro.

A canção *Um Fado*⁵ foi selecionada dentro do trabalho discográfico *Todos somos iguais esta noite* (1977), devido a que nele encontram-se composições cuja temática está ligada ao período contextual da ditadura militar brasileira. E, também, naquela canção escolhida, identificam-se traços da heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso. Para tal análise, pretende-se desenvolver alguns versos da canção *Um Fado* comprovando suas relações com o pressuposto teórico apresentado.

Em primeiro lugar, é importante salientar, a interpretação que se faz a letra da canção *Um Fado* ligado ao contexto da ditadura militar e, nela, identificar o outro que constitui esse sujeito do discurso⁶ (TEIXEIRA, 1998) que trata de construir seu próprio discurso valendo-se das ferramentas teóricas expostas: o SD do dialogismo de Bakhtin e da psicanálise freudo-lacanianiana.

Em uma primeira análise, é interessante analisar o título da canção: *Um Fado*. De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2008): há duas definições para a palavra fado: 1) Substantivo masculino que tem o mesmo significado da palavra destino e sorte e 2) Canção popular portuguesa, dolente e triste; música e dança que acompanham essa canção. Além disso, observa-se, nessa canção o afastamento do SD de dentro do contexto do discurso, ou seja, ele cumpre a função de contar certos acontecimentos sem envolver-se, literalmente nos fatos.

Então, pelo título dessa canção, pressupõe-se que o SD nos leva a refletir que esse fado não se identifica, aparentemente - marca registrada, gramaticalmente falando, por ser um artigo indefinido: "um" - ou seja, não especifica literalmente de que fado está se referindo. Por isso há, no título da canção essa contradição que influencia e permeia no discurso do SD. E, ao mesmo tempo,

⁵ Cujas letras encontram-se disponíveis em: <http://www.lettras.com.br/ivan-lins/um-fado>

⁶ SD daqui em diante.

o destino que constitui o SD podendo ser considerado bom ou ruim é acompanhado pelo ritmo dessa canção que é a de um fado.

Entretanto, há marcas no SD desde o primeiro verso dessa canção em que o destino está relacionado a aspectos negativos ou fatos negativos em/de sua vida como no primeiro verso: "Nenhuma esperança à vista".

A primeira palavra do primeiro verso, "nenhuma", é uma palavra feminina que pode ser designada gramaticalmente como um pronome adjetivo que se define pela falta ou ausência total de. Então, observa-se, o SD caracterizado desde um ponto de vista negativo, pois ele expressa uma falta de esperança que ainda não foi identificada por causa dessa marca pronominal nenhum.

Logo, identifica-se um traço da heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso nos seguintes versos (v. 3 e 4): "Não haverá mais conquistas/ E nem quem as conte".

Nesses versos, o SD está constituído por outros que constituem sua linguagem mostrando que ela é: uma criação coletiva; produção social e está historicamente localizada (Barreto, 2004). Bem, ao abordar sobre a primeira característica da linguagem: uma criação coletiva relaciona-se nesses versos, um sujeito que representa e constitui a outros: esses outros são a representação de um grupo social da sociedade brasileira durante os anos de chumbo que viveu oprimido e sob pressão por não possuir os bens primordiais tais como a liberdade e a igualdade para poder construir sua vida social dignamente.

Em relação ao segundo aspecto, a linguagem como produção social que constitui o SD, nasce de uma inspiração coletiva relacionada a um grupo de indivíduos de uma sociedade a qual exerce uma função ou está em busca dos seus ideais. Isto é, os oprimidos contrários ao regime militar cumprem uma função determinada dentro da sociedade e isso, aflora na constituição da linguagem por meio do discurso de um SD cuja função é a de representar aquele grupo social por meio da constituição dos outros.

Deve ser destacado também que o terceiro ponto, ligado aos anteriores, em que a linguagem está historicamente localizada, comprova que a linguagem é fruto de acontecimentos sociais que se desenvolvem em um período histórico de tempo determinado, também, envolvendo um lugar onde ocorreram esses acontecimentos; assim, fazendo sentido na construção de diversas vozes que o compõem entre o sujeito e a sociedade (Barreto, 2004).

Dentro dessa perspectiva, encontra-se uma marca da alteridade dentro do SD que o constitui através da presença de um outro que está nos constituindo bem como a nossa linguagem clivado

pelo inconsciente (AUTHIER-REVUZ, 2004). Então, nos versos apresentados a seguir, identifica-se no SD produzido pela linguagem basicamente clivado pelo inconsciente (v. 5, 6, 7 e 8):

Mulheres gastaram as contas
Do terço em Salve-Rainhas
Contando nos dedos os filhos
Que faltam nas vinhas

Percebe-se, nesses versos identificados e analisados, uma marca da heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso por meio do seu inconsciente como lugar do outro assim como as relações do inconsciente com a linguagem. Por isso, Authier-Revuz menciona a concepção de um sujeito dividido e por apresentar uma fala fundamentalmente heterogênea. Então, aqui, vê-se a ideia da alteridade do sujeito para explicar essa dualidade do sujeito relacionado à função do 'Eu' e sua complexa estrutura presente no SD, assim, envolvendo os conceitos do outro. Também, o 'Eu' do SD não deve ser tratado de forma fechada, porém está interligado com um exterior que o determina.

O SD apresenta seu discurso, nos versos mencionados acima, clivado pela linguagem do seu inconsciente, pois, de acordo com Lacan, o inconsciente aparece nesse discurso não para estabelecer uma interligação com o seu discurso propriamente dito, ou seja, o consciente; porque o inconsciente, nesse caso, pode ser tratado como uma parte de minha história, devido a um acontecimento acontecido que é marcado por um vazio que se manifesta na sua linguagem através do seu inconsciente: um inconsciente-linguagem (AUTHIER-REVUZ, 2004). Dessa forma,

O fato enunciativo apresenta heterogeneidades que articulam, no dizer do um, o outro a quem ele se dirige e o outro do já-dito. Para tanto, fundamentando-se no dialogismo de Bakhtin, traz para a discussão uma alteridade discursiva que se estabelece em dois planos solidários: o da alteridade representada por formas observáveis na linguagem e o da alteridade constitutiva, apontando para a relação com o outro que o dizer produz (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 06).

Essa alteridade fundante revela a presença de uma heterogeneidade mostrada e constitutiva que emergem a partir da análise de enunciados que não podem ser vistos como desvinculados das práticas languageiras sociais. Para Authier-Revuz (2011) isso significa que há uma ligação profunda com a experiência humana que funda a linguagem a partir do dizer do outro e do dialogismo. Isso ocorre porque "sempre nas palavras, outras palavras são ditas e [...] é a estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso (TEIXEIRA, 2000, p. 150)." Por isso não tomamos por referência um indivíduo que tem existência particular na análise dos enunciados, mas um sujeito do discurso porque sua voz é

atravessada por diversas vozes e porque é impossível que esteja fora das relações linguageiras que revelam que está situado histórica e socialmente no mundo que o cerca.

Trata-se, portanto, de um sujeito cindido, atravessado pelo inconsciente e em contínua relação com o outro. Isso porque a heterogeneidade authier-revuziana abala a homogeneidade imaginária de um sujeito fundante e de seu dizer porque é uma heterogeneidade fundante. Sendo fundante, é de suma importância que seja considerada no terreno das não-coincidências do dizer. Daí a escolha da teoria para a análise que foi proposta no presente trabalho.

Considerações (in) conclusas

O presente artigo teve o intuito de abordar a heterogeneidade constitutiva do sujeito e do seu discurso tomando como alicerce, de acordo com Authier-Revuz, duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade da palavra e do sujeito: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise freudo-lacaniana. Assim, por meio da análise da canção *Um fado*, de composição do autor e cantor Ivan Lins, foi visado apreender marcas que identificam nela essas duas abordagens desenvolvidas para a análise daquela canção através do contexto histórico-político-social relacionado aos “anos de chumbo” no Brasil. Assim, tal trabalho busca apresentar uma interface entre as duas abordagens não-linguísticas, exploradas aqui, dentro do SD da canção analisada, articulando-se com outros textos de análise de temáticas similares a partir da fundamentação teórica utilizada, podendo servir de mote para futuros trabalhos na área.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *À la recherche de Ferdinand de Saussure*. Paris: PUF, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade. *Um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDICPURS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 19, v. 2, p. 25-42, jul./dez 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *D.R.L.A.V.*, n. 26, p. 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARRETO, Paulo Eduardo Aranha de Sá. A heterogeneidade Constitutiva em Outdoors. In: ANAIS DO 6º ENCONTRO CELSUL – CIRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL. UFSC, 2004, Florianópolis. VI Encontro de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, 2004.

BOUQUET, Simon. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. *Letras & Letras*, n. 25, v. 1, p. 161-175, jan./jun., 2009.

FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à psicanálise [1916-1917]*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HABERT, Nadine. *A década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectivas, 1978.

LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara Frateschi. *Mikhail Bakhtin: Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 9ª Ed, 1999.

LOPES, Andréa Maria Vizzotto Alcântara. As canções de Gonzaguinha e Ivan Lins e o conceito de engajamento. ANAIS DO XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO - ANUPUH/SP – USP, 2008, São Paulo. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão – ANUPUH/SP, 2008.

PIOVEZANI, Carlos. Saussure e o discurso: o Curso de Linguística Geral lido pela Análise do Discurso. *Revista Alfa*, São Paulo, n. 52, v. 1, p. 07-20, 2008.

PUECH, Christian. Antinomies (V. Henry) et Dichotomies (F. De Saussure) l'idée d'une – science double – dans la linguistique générale de la fin du XIX siècle. In: PUECH, Christian (org.) *Linguistique et partages disciplinaires à la charnières des XIX et XX siècles: Victor Henry (1850-1907)*. Louvain, Paris: Editions Peeters, Bibliothèque de l'Information Grammaticale, n. 55, p. 125-150, 2004.

PUECH, Christian. Antinomies. L'émergence de la notion de 'discours' en France et les destins du saussurisme. *Langages*, Paris, n. 159, p.93-110, 2005.

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TEIXEIRA, Terezinha Marlene Lopes. *A presença do outro no um em Canções de Chico Buarque*. 1998. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1998.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.